



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS**  
**PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

**SEVERINA ANSELMO RODRIGUES**

**ALFABETIZAÇÃO: a criança e o processo de construção das**  
**hipóteses de escrita**

ITAPORANGA-PB

2014

**SEVERINA ANSELMO RODRIGUES**

**ALFABETIZAÇÃO: a criança e o processo de construção das hipóteses de escrita**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Íris Maria Barbosa Alves

ITAPORANGA-PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

R696a Rodrigues, Severina Anselmo

Alfabetização: a criança e o processo de construção das hipóteses de escrita [manuscrito] : / Severina Anselmo Rodrigues. - 2014.

30 p. : ll.

Digitado.

Monografia (Curso de Especialização Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares) – Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Íris Maria Barbosa Alves, Departamento de Educação".

1. Alfabetização. 2. Aquisição da escrita. 3. Crianças. I.

Título.

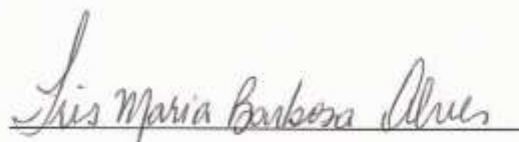
21. ed. CDD 379.24

SEVERINA ANSELMO RODRIGUES

**ALFABETIZAÇÃO: a criança e o processo de construção das hipóteses de escrita**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em: 14/06/2014.



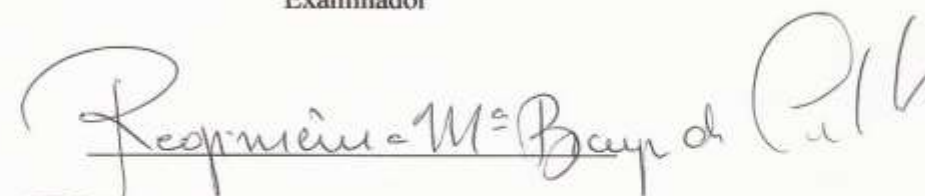
Profª Iris Maria Barbosa Alves / UEPB

Orientadora



Prof Alex da Silva/UEPB

Examinador



Profª Regimênia Maria Braga Carvalho/UEPB  
Examinadora

“Nenhuma criança chega à escola ignorando totalmente a língua escrita. Elas não aprendem porque veem e escutam ou por ter lápis e papel à disposição, e sim porque trabalham cognitivamente com o que o meio lhe oferece”.

(Emília Ferreiro)

## **DEDICATÓRIA**

Ao meu esposo Orlando, pelo amor e compreensão;

Aos meus filhos, Ramon e Raquel, por estarem sempre presentes em minha vida;

A minha mãe Lourdes, pelo amor e os ensinamentos;

Aos meus irmãos e irmãs, pelo carinho e amizade;

A todos os meus familiares que sempre me apoiaram nesta longa caminhada.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar a Deus, Luz e Fonte de Inspiração em minha vida. Obrigada por estar sempre comigo em todos os momentos, por ter me proporcionado este aprendizado, a Ti entrego a minha vitória;

A todos os professores que me acompanharam durante esta brilhante caminhada, em especial ao professor Marcos e a professora Íris, responsáveis pela realização deste trabalho;

Ao coordenador Alberto, pelo empenho e atenção que nos foi dada, não medindo esforços para resolver os nossos problemas;

A todos os meus colegas do curso, pelos momentos de partilha e aprendizado;

Enfim, agradeço a todos que acreditaram e colaboraram para a minha formação.

## RESUMO

O objetivo desse trabalho é o de compreender as fases que a criança passa para aprender a ler e a escrever. Para tanto, foram realizadas pesquisas acerca do processo de construção das hipóteses de escrita da criança na fase da alfabetização para entender como a criança concebe o que a escrita representa, tendo como referência teórica as concepções de Ferreiro e outros colaboradores que relatam sobre a aprendizagem da escrita da criança. O nosso enfoque principal nesta pesquisa foi analisar os níveis de escrita das crianças da turma do 2º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual do Ensino Fundamental Chagas Soares do Município de Itaporanga - PB, com a finalidade de detectar quantos alunos se encontravam em cada uma das 04 (quatro) fases descritas por Ferreiro (1979). Para poder avaliar, utilizou-se a metodologia de caráter qualitativo, tendo como instrumento uma atividade avaliativa. Os resultados alcançados foram: dos 16 (dezesesseis) alunos que participaram da pesquisa: 03 (três) são pré-silábicos; 09 (nove) são silábicos e 04 (quatro) são silábico-alfabéticos.

**PALAVRAS-CHAVE:** fase da alfabetização. aquisição da escrita. níveis de escrita das crianças.



## **ABSTRACT**

The aim of this work is to understand the stages that children go on to learn to read and write. To this end, research has been done on the construction of hypotheses child writing in phase of the literacy process to understand how the child sees what writing is, having as reference the theoretical conceptions of Ferreiro e other reviewers who report on the learning of writing the child. Our main focus in this research was to analyze the levels of writing children's class of 2nd year of elementary school to a public school in the municipality of Itaporanga-PB, in order to detect how many students were in each of the four (04) phases described by Smith (1979). To evaluate, we used a qualitative methodology, taking as an evaluative instrument activity. The results were: of sixteen (16) students who participated in the study: 03 (three) are pre-syllabic; 09 (nine) are syllabic and 04 (four) are syllabic alphabet.

**KEYWORDS:** phase of literacy. acquisition of writing. writing levels of children.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>CAPÍTULO I: CONCEPÇÃO DE ALFABETIZAÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1.1 A natureza das escritas alfabéticas.....</b>	<b>11</b>
<b>1.2 Aquisição da escrita: um processo construtivo.....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO II: CONCEPÇÃO DA LÍNGUA ESCRITA.....</b>	<b>16</b>
<b>2.1 Escrever quando não se sabe.....</b>	<b>16</b>
<b>2.2 Níveis de escrita da criança segundo Emília Ferreiro.....</b>	<b>17</b>
<b>CAPÍTULO III: COLETA E ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>21</b>
<b>3.1 O campo de pesquisa.....</b>	<b>21</b>
<b>3.2 Participantes.....</b>	<b>22</b>
<b>3.3 Instrumento.....</b>	<b>22</b>
<b>3.4 Análise dos dados coletados.....</b>	<b>22</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>26</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>27</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>28</b>
<b>APÊNDICE 1: ATIVIDADE.....</b>	<b>29</b>

## INTRODUÇÃO

Ferreiro (1985, 1987), em seus estudos sobre o processo de aquisição da linguagem escrita, que, segundo a autora, antecede os limites escolares na origem, como também excede os mesmos em natureza – quando difere daquilo que tem sido considerado até o momento o caminho “normal” da aprendizagem – informa que as crianças passam por uma série de passos antes que entendam a lógica do nosso sistema alfabético de escrita. Ora, cada um desses passos caracteriza-se por esquemas conceituais específicos, que envolvem um processo construtivo nas quais as crianças levam em consideração parte da informação que é dada, porém, ao mesmo tempo, introduzindo sempre algo de pessoal. Para a referida autora, o resultado são construções originais, singulares, porém tão estranhas ao nosso modo de raciocinar que, ao primeiro momento, parecem caóticas. Entretanto, esse é o caminho para o desenvolvimento da leitura e da escrita, entendendo que as crianças passam por níveis estruturais da aquisição da linguagem escrita, que podem explicar as diferenças individuais e os diferentes ritmos de cada uma delas.

A partir do exposto, o presente trabalho trata de apresentar uma análise do processo de aquisição da escrita e da leitura da criança na alfabetização, buscando compreender as fases que a criança passa para aprender a ler e a escrever.

Acreditamos que conhecendo e compreendendo melhor os níveis de escrita das crianças, o professor alfabetizador terá oportunidade de desenvolver um trabalho pedagógico voltado para esse processo de evolução, contribuindo, assim, para a melhoria das aprendizagens dos alunos.

Para a Psicogênese da Língua escrita que Emília Ferreiro escreveu juntamente com Ana Teberosky, toda criança passa por quatro fases até que esteja alfabetizada: a pré-silábica – quando a criança não consegue relacionar as letras com os sons da língua falada; a silábica – a criança interpreta a letra a sua maneira, atribuindo valor de sílaba a cada uma; silábico-alfabética – ela mistura a lógica da fase anterior com a identificação de algumas sílabas; e por último a alfabética – quando a criança já domina o valor das letras e sílabas.

Compreendendo tais fases de aquisição da escrita e da leitura, sempre buscando apoio nas pesquisas de Emília Ferreiro e alguns colaboradores, para uma maior compreensão das hipóteses de escrita da criança, realizamos uma pesquisa numa turma do 2º ano do Ensino Fundamental da Escola da Escola Estadual do Ensino Fundamental Chagas Soares, localizado no município de Itaporanga - PB, juntamente a dezesseis (16) alunos, objetivando analisar e

entender as etapas que a criança passa para aprender a ler e a escrever, passando de um nível para o outro, conforme foi detectado pelas autoras.

Assim sendo, em tal pesquisa observou-se que alguns alunos não apresentam um desempenho satisfatório nas suas produções escritas, fato esse que será problematizado posteriormente.

Nosso trabalho, finalmente, encontra-se dividido em três capítulos: no primeiro, intitulado “Concepção de alfabetização”, buscou-se abordar temas sobre a natureza das escritas alfabéticas e sobre a aquisição da escrita, entendendo-a como um processo construtivo. Essas concepções mostram que a aprendizagem da escrita da criança começa muito antes do que a escola imagina, através da participação em atos de leitura e escrita existente em seu meio.

O segundo capítulo, cujo título é “Concepção da língua escrita”, mostramos que o processo de construção da linguagem escrita se desenvolve desde a mais tenra idade e está relacionado à convivência da criança com os contextos sociais. Enfatizamos neste capítulo temas que abordam o “escrever quando não se sabe”, chamando atenção para o que diz os Parâmetros Curriculares Nacionais, ou seja, que “a oportunidade de escrever quando não se sabe permite que a criança confronte hipóteses sobre a escrita e pense em como ela se organiza, o que representa e para que serve”, e apresentamos e/ou descrevemos os níveis de escrita da criança sob a visão de Emília Ferreiro, no qual buscamos compreender o processo de construção das hipóteses da criança nos diferentes níveis de compreensão da escrita.

No terceiro capítulo, apresentamos a coleta e análise dos dados, onde consideramos, no decorrer da análise, que a criança busca a aquisição do conhecimento seguindo seu próprio caminho, levando-nos a entender o processo de construção de suas hipóteses de escrita.

## **CAPÍTULO I: CONCEPÇÃO DE ALFABETIZAÇÃO**

Alfabetizar não é apenas ensinar as crianças a juntar letras ou a reconhecer os sons, não é somente adquirir os mecanismos. É preciso que a criança compreenda que a palavra escrita significa uma ação concreta.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), para aprender a ler e a escrever é preciso pensar sobre a escrita, pensar sobre o que a escrita representa e como ela representa graficamente a linguagem.

Os PCNs mostram também que a aprendizagem da escrita envolve dois processos paralelos: compreender a natureza do sistema de escrita da língua – os aspectos notacionais – e o funcionamento da linguagem que se usa para escrever – os aspectos discursivos; que é possível saber produzir textos sem saber grafá-los e é possível grafar sem saber produzir; que o domínio da linguagem escrita se adquire muito mais pela leitura do que pela própria escrita; que não se aprende a ortografia antes de se compreender o sistema alfabético de escrita; e a escrita não é o espelho da fala.

Diante disso, é necessário que o educador desenvolva uma prática pedagógica que tenha como suporte atividades que favoreçam a criança à reflexão sobre o sistema de escrita alfabética, organizando situações que propiciem o desenvolvimento da linguagem, bem como a construção pela criança da leitura/escrita, respeitando seu estágio de desenvolvimento, pois a alfabetização é um processo que vai sendo construído, partindo do convívio constante da criança com os materiais escritos.

Para Ferreiro (1987, p. 17) “as crianças chegam à escola sabendo várias coisas sobre a língua. É preciso avaliá-las para determinar estratégias para sua alfabetização”. Deste modo, cabe a escola diagnosticar o quanto os alunos já sabem, incentivando a aprendizagem pela experiência, estimulando naturalmente a necessidade da criança no seu processo da alfabetização.

### **1.1 A natureza das escritas alfabéticas**

Segundo Vieira (s/d), a escrita alfabética é dividida em dois tipos: os que não se baseia na ortografia e os que se baseia.

Entre os tipos de escrita alfabética que não se baseia na ortografia, consideramos importante distinguir dois: um utilizado no meio científico; e outro que corresponde a uma hipótese sobre a natureza da escrita que as crianças costumam formar antes da aquisição plena da escrita ortográfica. Assim, faremos uma diferenciação entre os dois, nomeando-os respectivamente de: escrita fonética científica e escrita fonética acrofônica. (p. 52)

O primeiro caso é usado é utilizado em pesquisas linguísticas, e por isso a autora denomina como “científica”. Ainda a referida autora, lembra que há na verdade dois subtipos de escrita fonética científica: a fonológica, “que representa os fonemas da língua” (p. 52), e a fonética propriamente dita, “que representa os fonemas realmente pronunciados e é usada com o objetivo de transcrever da maneira mais fiel possível as pronúncias dos diferentes dialetos existentes”. (id)

Argumenta Vieira (s/d) que os dois casos usam o Alfabeto Internacional de Fonética, na qual uma letra representa apenas e sempre um único som.

Quanto à escrita fonética acrofônica, para Cagliari (2001, *apud* VIEIRA, s/d) o princípio acrofônico pode ser considerado a chave da decifração das letras do alfabeto porém, lembrando que nosso sistema de escrita apresenta ortografia além do alfabeto, tala princípio serve penas como indicador de um dos possíveis sons das letras. Cagliari também diz que o uso de tal princípio está presente nas cartilhas escolares: “As cartilhas usam um tipo de princípio acrofônico para alfabetizar, ou seja, o Bá, Bé, Bi, Bó, Bu etc. A maioria dos professores também usam o mesmo recurso como ferramenta principal do ensino da leitura e escrita”. (CAGLIARI, 2001, *apud* VIEIRA, s/d, p. 53)

E é nesse caso que o princípio m questão pode trazer dificuldades na aquisição da escrita, tanto da decodificação, quanto na transcrição, pois nossa ortografia não se baseia apenas em relações desse tipo.

O princípio acrofônico pode levar o aluno que está em fase de alfabetização a acreditar que só existam relações biunívocas entre as letras e sons, e é fundamental que o aluno seja exposto, desde o início a outros tipos de relações entre sons e letras para que essas dificuldades não sejam fortalecidas. (VIEIRA, s/d, p. 53)

Exatamente pelo fato, muitas vezes, da escola desconhecer uma maneira adequada de conduzir os alunos na construção de hipóteses sobre a escrita, e, em decorrência disso, estimulando a criação de textos baseados apenas no vocabulário presente nas cartilhas, ocasiona dificuldade na aquisição dos princípios da textualidade. (ABAURRE, 1986, *apud* VIEIRA, s/d)

Ora, compreender a natureza desse sistema é fundamental para a alfabetização. É importante, também, entender os níveis da escrita alfabética.

Estudos sobre o processo da alfabetização têm mostrado que a escrita alfabética não é um código que simplesmente transpõe graficamente as unidades sonoras mínimas da fala (os fonemas), mas, sim, um sistema de representação escrita (notação) dos segmentos sonoros da fala. (FERREIRO, 1995; MORAIS, 2005)

Nesse contexto, podemos entender que a escrita alfabética é concebida como um sistema de notação que representa as partes orais das palavras. É preciso que a criança compreenda a relação existente entre a escrita e o que ela representa, para que possa avançar em seu processo de construção das hipóteses de escrita alfabética.

Segundo Ferreiro (1990), para compreender o funcionamento da escrita alfabética, é necessário não apenas analisar as “partes orais” que constituem as palavras, mas também desenvolver uma série de operações lógicas como a totalidade e as partes constitutivas e a correspondência termo a termo.

Para que a criança chegue a essa compreensão, é necessário que ela vivencie uma série de atividades que estimule o desenvolvimento da consciência dos sons, que domine todo um conjunto de informações que lhe permitam perceber a escrita como uma forma de reflexão sobre o funcionamento da notação alfabética.

Essas atividades precisam ser atraentes e significativas para o aluno, que o leve a refletir sobre as hipóteses que constrói sobre o sistema alfabético. É importante o professor conhecer o que os alunos pensam sobre a escrita, e a partir das informações e experiências organizar as atividades a serem trabalhadas em sala de aula, se colocando como mediador do ensino aprendizagem, considerando a importância das dificuldades dos alunos em seu processo de alfabetização, as quais poderão ser exploradas e analisadas na perspectiva de sua construção.

## **1.2 Aquisição da escrita: um processo construtivo**

Baptista et al (s/p) considera que o aprendizado da linguagem escrita representa um importante salto no desenvolvimento do indivíduo, pois o domínio do sistema complexo de signos “fornece novos instrumentos de pensamento, na medida em que aumenta a capacidade de memória e registro de informações”. (p. 03)

Vygotsky (1988) critica a visão, presente na psicologia e na pedagogia, que considera o aprendizado da escrita apenas como habilidade motora. Para Baptista et al (s/d), ensina-se as crianças a desenhar letras e construir palavras com elas, porém não se ensina a linguagem escrita. É nesse sentido, há prioridade da forma mecânica de ler o que está escrito, obscurecendo

a linguagem escrita como tal. Ora, segundo Vygotsky (1988), o aprendizado da escrita é um processo complexo que é iniciado para criança “muito antes da primeira vez que o professor coloca um lápis em sua mão e mostra como formar letras”. (p.143)

A linguagem escrita, a qual Vygotsky se refere, é um sistema de símbolos e signos, denominado pelo autor como simbolismos de segunda ordem, isto porque, para se chegar neste, a criança passa antes pelos simbolismos de primeira ordem que são o gesto, o brinqueado, o desenho e a fala. Cada um deste desempenha um papel fundamental no processo de aquisição da linguagem escrita (...). (BAPTISTA, s/d, p. 04)

Conceber a aquisição da escrita como um processo construtivo é acreditar nas possibilidades de todas as crianças aprenderem, vê-las como indivíduos construtivos do saber.

Podemos pensar que, antes de saber ler e escrever, as crianças já participam dos processos da aquisição de leitura/escrita, formulando suas hipóteses sobre o próprio processo desta aquisição. Elas expressam o que sabem sobre a escrita fazendo uso espontâneo dos diversos tipos de materiais escritos existentes em seu meio sócio cultural.

Piaget (1978, s/p) afirma que:

[...] em nenhum momento o conhecimento está pronto ou acabado, mas sempre em construção, graças às interações do indivíduo com o meio físico e social. Embora sua principal preocupação não seja os problemas do ensino, suas ideias têm implicações diretas no trabalho da escola [...] os professores fazem melhor tirando proveito das características das crianças.

Sob esta ótica, cabe ao professor alfabetizador considerar os conhecimentos que a criança já tem do seu meio cultural e incorporar às suas estratégias de ensino, assumindo o papel de mediador desses conhecimentos, organizando o ambiente com os mais variados tipos de materiais escritos utilizados pelos próprios alunos em seu dia a dia, para que possam refletir acerca do seu processo de construção da escrita.

Santos & Sanson (2005) fazem importantes considerações sobre o ambiente alfabetizador e as contribuições do contexto para o processo de alfabetização: primeiro que para poder adquirir conhecimentos sobre a escrita, a criança irá procurar assimilar as informações que o meio lhe fornece, então formulará hipóteses procurando descobrir e organizar seus conhecimentos. E, segundo, que o professor que entende o papel de mediador em todo esse processo costuma organizar um ambiente rico em elementos escritos, utilizando diferentes materiais, não apenas os escolares, mas os de uso social, enriquecendo o contexto da cultura escrita a que as crianças já têm acesso



## **CAPÍTULO II: CONCEPÇÃO DA LÍNGUA ESCRITA**

O uso escrito da língua é um processo construtivo e evolutivo, que depende em grande parte das oportunidades de interação da criança com os materiais que existem para serem lidos. Nesse sentido, é necessário criar um ambiente que desde cedo estimule o interesse da criança pela linguagem escrita. Algumas crianças não têm essas oportunidades no seu ambiente familiar, no entanto, o professor tem o compromisso de transformar o espaço da sala de aula em um ambiente bastante rico sobre tudo que existe para ser lido, como: livros, revistas, gibis, jornais, rótulos, embalagens, para serem explorados, dando condições para que a criança possa expressar a sua visão da linguagem escrita, através de tudo que sabe sobre esses materiais impressos.

Vale ressaltar, que as hipóteses de escrita das crianças surgem do acesso a esses materiais gráficos, fazendo uso espontâneo da língua escrita por meio desse contato em seu ambiente alfabetizador.

Dessa forma, se compreende que a criança começa a se alfabetizar quando tem acesso à leitura/escrita dos materiais disponíveis em seu meio social e cultural. É necessário, portanto, que o professor tenha um papel central na organização do ambiente escolar propondo atividades que leve o aluno a refletir sobre a escrita e a leitura, para que possam avançar em suas hipóteses.

### **2.1 Escrever quando não se sabe**

As crianças que convivem com os escritos, fazem tentativas de produção da escrita, mesmo sem saber ler e escrever. É nestas tentativas espontâneas que a criança registra suas informações sobre o seu conhecimento do meio físico e social.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, para aprender a escrever é fundamental que o aluno tenha muitas oportunidades de fazê-lo mesmo antes de saber grafar corretamente as palavras: quanto mais fizer isso mais aprenderá sobre o funcionamento da escrita. A oportunidade de escrever quando ainda não sabe permite que a criança confronte hipóteses sobre a escrita e pense em como ela se organiza, o que representa, para que serve.

Desta forma, a criança é capaz de compreender a escrita através de um processo de descobertas e de construção de hipóteses. No entanto, é necessário o professor oferecer atividades que sejam interessantes e significativas, que apresentem desafios ao pensamento do

aluno. Uma prática que pode ser enriquecedora é utilizar gravuras para a produção escrita, buscando conhecer e compreender as interpretações dos alunos em suas produções, considerando a hipótese de escrever quando não se sabe.

## **2.2 Níveis de escrita da criança segundo Emília Ferreiro**

A psicolinguística argentina Emília Ferreiro, desvendou os mecanismos pelos quais as crianças aprendem a ler e a escrever. A estudiosa desenvolveu na universidade de Buenos Aires uma série de experimentos com crianças que deu origem a *Psicogênese da Língua Escrita*, juntamente com a pedagoga espanhola Ana Teberosky, publicado em 1979. A obra mostra como as crianças aprendem à escrita, trazendo uma compreensão para o professor sobre a construção das hipóteses da criança no processo da alfabetização.

Para a *Psicogênese da escrita* essas hipóteses seguem uma ordem de evolução que parte de um nível em que a criança ainda não compreende que a escrita representa os segmentos sonoros das palavras, até chegar à compreensão de que se escreve com base em uma correspondência entre fonemas e grafemas.

Segundo mostrou a psicogênese da língua escrita, em uma sociedade letrada as crianças constroem conhecimentos sobre a escrita desde muito cedo, a partir do que podem observar e das reflexões que fazem a esse respeito. Em busca de uma lógica que explique o que não compreendem quando ainda não se alfabetizaram, as crianças elaboram hipóteses muito interessantes sobre o funcionamento da escrita. (WEISZ, 2002, p. 20)

Como afirma a autora, a psicogênese da língua escrita tem mostrado que as crianças constroem conhecimentos sobre a escrita desde pequenas. É importante o professor conhecer as hipóteses que os alunos ainda não alfabetizados têm sobre a escrita, bem como orientar por meio de atividades que favoreçam a criança a reflexão sobre o sistema de escrita alfabética.

Para Ferreiro e Teberosky (1989) a criança passa por um processo de aquisição de escrita baseado em 05(cinco) níveis de hipóteses:

### **NÍVEL I – Hipótese Pré-silábica**

Neste nível, a criança ainda não compreende que existe relação entre a escrita e a pauta sonora, podendo usar letras, números, rabiscos e até desenhos para escrever, ela tenta neste nível, diferenciar entre desenho e escrita. Nesta fase a quantidade de letras ou números

utilizados não depende do tamanho da palavra, mas, sim das características dos objetos a serem representados (coisas grandes são escritas com muitas letras e coisas pequenas com poucas letras), neste caso, para escrever “TREM” precisa de muitas letras, porque trem é grande, e para escrever “TELEFONE” precisa de poucas letras, porque telefone é pequeno. É preciso que o desenho esteja ao lado da escrita para reforçar o seu significado.

Cruz e Fontana (1996, p. 191), afirma que:

Nesta fase a escrita constitui um sistema independente, mas relacionado ao desenho. Embora as crianças distingam texto de desenho, elas consideram que não se pode ler um texto sem imagens, porque, nesse caso, faltam elementos para poder interpretar as letras, e, ao escrever procuram associar escrita e desenho.

Nesse sentido, a leitura é compreendida pela criança através de desenhos, imagens, não apresentando nenhum tipo de correspondência sonora.

#### NÍVEL II – Intermediário I

Ao atingir este nível, a criança se dar conta das características formais da escrita, ela começa a desvincular a escrita dos desenhos e os números das letras e constrói hipóteses sobre o que é preciso para que “escritos” possam ser “lidos”. Ao tentar escrever constrói dois princípios básicos: número mínimo de caracteres em torno de 03 (três) para que se possa ler (poucas letras não dão nem para ler nem para escrever), e que a palavra precisa ter caracteres variados (letras repetidas não servem), utilizam letras aleatórias, trocando-as de lugar entre uma e outra palavra, usando mais as letras do seu próprio nome, pois, ainda não consegue entender a organização do sistema da língua escrita.

#### NÍVEL III – Hipótese Silábica

No nível da hipótese silábica, a criança já supõe que a escrita representa a fala, podendo usar letras com ou sem valor sonoro. A característica principal deste nível é que cada grafia corresponde a uma sílaba “a criança omite letras” e ao escrever se fixa mais no som das vogais e apresenta uma vogal para cada aspecto sonoro. Por exemplo: “BONECA” poderá ser escrito com “OEA”.

[...] está caracterizado pela tentativa de dar um valor sonoro a cada uma das letras que compõem uma escrita. Nesta tentativa, a criança passa por um período de maior importância evolutiva: cada letra vale por uma sílaba. (FERREIRO E TEBEROSKY, 1985, p. 192)

É nesta fase que a criança constrói a primeira das hipóteses de como se dá a relação entre a escrita e os sons da linguagem falada. No nível silábico, a criança ainda constrói hipóteses de quantidade mínima de letras e variedade de caracteres para que se possa ler.

#### NÍVEL IV – Hipótese Silábico-Alfabética ou Intermediário II

O nível silábico-alfabético marca a transição da criança da hipótese silábica para a alfabética, ela começa a perceber que uma grafia não é suficiente para registrar uma sílaba e passa a escrever as palavras com todas as letras ou quase todas. Neste caso, a palavra “PETECA” poderá ser escrita “PETCA”, ora usa apenas uma letra para registrar as sílabas das palavras, ora usa mais de uma letra estabelecendo a relação entre fonema e grafema.

A criança abandona a hipótese silábica e descobre a necessidade de fazer uma análise que vá mais além da sílaba pelo conflito entre a hipótese silábica e a exigência de quantidade mínima de grafias [...] e o conflito entre as formas gráficas que o meio lhe propõe e a leitura dessas formas em termo de hipótese silábica. (FERREIRO E TEBEROSKY, 1985, p. 196)

Nesta fase, a criança tenta fazer a correspondência dos sons e grafias, inserindo mais letras à escrita silábica, tentando aproximar da escrita convencional.

#### NÍVEL V – Hipótese Alfabética

O nível da hipótese alfabética é considerado a última fase dessa trajetória. Nesta etapa a criança compreende que se escreve com base em uma correspondência entre sons menores que as sílabas (fonemas) e grafemas. Ela compreende que os sons “P” e “A” são grafados “PA”, e que “T” e “O” são grafados “TO” e que juntos significam “PATO”.

A escrita alfabética constitui o final desta evolução. Ao chegar a este nível, a criança já franqueou a “barreira do código”, compreendeu que cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores sonoros menores que a sílaba, e realiza sistematicamente uma análise sonora dos fonemas das palavras que vai escrever. Isto não quer dizer que todas as dificuldades tenham sido superadas. A partir desse momento, a criança se confrontará com as dificuldades próprias da ortografia, mas não terá problemas de escrita, no sentido restrito. (FERREIRO E TEBEROSKY, 1985, p. 213)

Neste nível, a criança ainda não escreve seguindo as regras ortográficas, pois, ainda não domina algumas correspondências som-grafia de nossa língua.

De acordo com Ferreiro, a partir daí as crianças estão no campo dos critérios ortográficos da escrita, que não são aspectos construtivos do sistema alfabético e que o conteúdo ortográfico da escrita depende das informações do meio e do ensino sistemático.

A autora defende que quando a criança atinge a hipótese alfabética, ela ainda não está alfabetizada no sentido estrito, pois, muitas vezes, não reconhece os grafemas convencionais que correspondem aos fonemas.

Nessa perspectiva, a escola tem um papel fundamental na construção do conhecimento da criança, tendo o professor como agente principal no processo de ensino e aprendizagem. É necessário um ensino sistemático que leve o aluno a pensar sobre a Escrita Alfabética, de modo que ele se aproprie de algumas convenções ortográficas necessárias à escrita e a leitura, para que consiga ler e escrever com autonomia.

## **CAPÍTULO III: COLETA E ANÁLISE DOS DADOS**

A metodologia para esta pesquisa é de natureza qualitativa, através da qual buscou analisar o processo da aquisição de escrita e leitura da criança na construção das hipóteses alfabéticas, utilizando como instrumento uma atividade avaliativa, onde foi possível diagnosticar os níveis de escrita dos alunos no processo de alfabetização.

### **3.1 Campo de pesquisa**

A coleta de dados ocorreu na Escola Estadual do Ensino Fundamental Chagas Soares, em uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental, com 16 alunos no turno da manhã.

A referida escola foi fundada em 25 (vinte e cinco) de março de 1985, no governo de Wilson Leite Braga, criada com o objetivo de atender a educação infantil e o Ensino Fundamental.

Esta Instituição teve como diretora fundadora a professora Francisca Carvalho dos Santos. Hoje a escola tem à frente a professora Josefa Ivoneide Roque Juvito, que assumiu o cargo de diretora através de eleição, tendo como vice-diretora a professora Dalvaci Batista da Silva. Juntas têm contribuído para o crescimento do desempenho educativo da escola.

A origem do nome da escola “Chagas Soares”, se deu em homenagem ao pai do falecido Deputado Soares Madruga. Esta homenagem se deu ao conjunto Chagas Soares onde está localizada a referida escola.

A escola era de pequeno porte, contendo apenas as duas salas de aula, secretaria, e um banheiro, mas muitas reformas foram feitas. Hoje a escola dispõe de seis salas de aula, uma sala de diretoria, uma secretaria, um laboratório de informática, uma cantina, três banheiros, duas áreas de recreação e um almoxarifado.

A referida escola oferece o Ensino Fundamental I e II e o Ensino do EJA, funcionando em três turnos. No turno matutino funcionam 4 (quatro) turmas do Ensino Fundamental I (2º, 3º, 4º e 5º ano), no turno vespertino funcionam 5 (cinco) turmas do Ensino Fundamental II (6º A e B, 7º, 8º e 9º ano), e no noturno funcionam 4 (quatro) turmas do EJA.

Atualmente a escola possui 295 (duzentos e noventa e cinco) alunos matriculados, sendo 92 (noventa e dois) alunos distribuídos no Ensino Fundamental I, 124 (cento e vinte e quatro) no Fundamental II, e 79 (setenta e nove) no Ensino do EJA.

A escola dispõe do Programa Mais Educação, visando enriquecer o processo de aprendizagem dos alunos, por meio de atividades que foram agrupadas em microcampos, como: acompanhamento pedagógico, esporte e lazer, cultura e artes, cultura digital, e meio ambiente dando condições para que o aluno possa se formar e exercer sua cidadania.

### **3.1 Participantes**

Os participantes desta pesquisa pertencem a uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental da Escola da Escola Estadual do Ensino Fundamental Chagas Soares, localizada no município de Itaporanga – PB, formada por 16 (dezesesseis) alunos, em sua maioria estão na faixa etária entre 7 (sete) e 8 (oito) anos. Há apenas 01 (um) com 12 anos, sendo 05 (cinco) do sexo feminino e 11 (onze) do sexo masculino. Todos participaram da pesquisa mediante estímulos recebidos no decorrer do processo de acompanhamento, como promover a interação entre os alunos em sala de aula garantindo a participação de todos nas atividades.

### **3.2 Instrumento**

O instrumento utilizado foi uma atividade avaliativa, composta por 05 (cinco) questões (ver apêndices) correspondente ao nível de compreensão dos alunos sobre a escrita alfabética, conforme foi observado durante o período de acompanhamento de suas aprendizagens.

### **3.3 Análise dos dados coletados**

O resultado da análise dos dados se deu por meio da atividade avaliativa aplicada com 16 (dezesesseis) alunos presentes na turma.

A seguir, apresentaremos um quadro com os exemplos dos itens da atividade e os resultados obtidos, resultando na classificação dos alunos em níveis:

1. Escreva o nome de cada figura nas linhas abaixo.	03 (três) crianças usaram letras aleatórias pra dar nomes aos desenhos, pois, ainda não descobriram o que as letras
---	---

	<p>representam; 09 (nove) crianças, ao escreverem os nomes dos desenhos, utilizaram uma letra para cada sílaba, tentando dar um valor sonoro a cada uma das letras; e 04 (quatro) crianças escreveram os nomes dos desenhos utilizando quase todas as letras para registrar as sílabas, na tentativa de fazer a correspondência entre fonema e grafema.</p>
<p>2. Ligue o nome a cada desenho.</p>	<p>03 (três) alunos relacionaram o desenho com a palavra de acordo com as características, demonstrando ter noção de que a escrita dos nomes é proporcional ao tamanho do objeto, ou seja, coisas grandes têm o nome grande e coisas pequenas têm o nome pequeno; 13 (treze) crianças fizeram a correspondência do nome a cada desenho corretamente, compreendendo a relação entre a escrita e os sons da linguagem falada.</p>
<p>3. Forme frases com as gravuras.</p>	<p>03 (três) crianças fizeram um conjunto de letras considerando como uma palavra. Elas supõem que poucas letras não servem para ler; 09 (nove) alunos escreveram várias palavras, demonstrando que cada letra representa uma sílaba, se fixando no som das vogais, mostrando que é uma frase; e 04 (quatro) alunos conseguiram escrever algumas frases, porém, faltando algumas letras nas palavras, para eles, escrever é representar as partes sonoras das palavras, embora o faça com erro.</p>
<p>4. Escreva três nomes de animais que você conhece.</p>	<p>03 (três) alunos não escreveram nada, pois sentiram falta das imagens, para elas não se pode escrever algo sem antes fazer a leitura dos desenhos; 09 (nove) alunos escreveram os nomes dos animais, ora usando uma vogal para representar a sílaba, ora usando uma consoante, tentando dar um valor sonoro a cada uma das letras que compõem uma escrita; e 04 (quatro) crianças escreveram os nomes dos animais que conhecem registrando as sílabas das palavras com quase</p>



5. Faça um desenho e escreva o nome ao lado.	todas as letras, tentando fazer a correspondência dos sons e grafias.  Todos os alunos conseguiram fazer o desenho, mas, sentiram dificuldades para escrever o nome do desenho. Do total de 16 (dezesseis) crianças, 03 (três) fizeram o desenho e ao tentar escrever o nome utilizaram letras aleatórias; 06 (seis) crianças desenharam e ao escrever o nome dos desenhos usaram uma grafia para cada sílaba; e 04 (quatro) fizeram o desenho e escreveram o nome, embora, trocando algumas letras.
--	--

Como resultado da análise dos dados coletados, conclui-se que, dos 16 (dezesseis) alunos presentes na turma do 2º ano, 03 (três) estão no nível pré-silábico, visto que a criança elabora hipótese de que a escrita dos nomes é proporcional ao tamanho dos objetos, não compreendendo que a escrita representa o som das palavras. Dos resultados obtidos, verifica-se também que 09 (nove) alunos se encontram no nível da hipótese silábica, pois, ao escrever as palavras usam uma grafia para cada sílaba falada, por exemplo, a palavra “GATO” poderá ser escrita com “AO”. Para Ferreiro e Teberosky (1985, p. 192) “está caracterizado pela tentativa de dar um valor sonoro a cada uma das letras que compõem uma escrita”.

Ainda de acordo com os resultados dessa análise, constatamos que das 16 (dezesseis) crianças que participaram da atividade avaliativa apenas 04 (quatro) atingiram o nível da hipótese silábico-alfabética. Nos exemplos analisados, observa-se que nesta etapa a criança vai reformulando a sua escrita e começa a perceber que uma única grafia não é suficiente para registrar as sílabas nas palavras e descobre a necessidade de inserir mais letras à escrita silábica, estabelecendo relações entre letras e sons.

Vale ressaltar que este trabalho de acompanhamento das aprendizagens dos alunos foi realizado ao longo do percurso de um bimestre, e no decorrer desse período nota-se que, apesar das dificuldades enfrentadas, os alunos alcançaram bons êxitos em seu processo de construção das hipóteses de escrita, porém não conseguiram ainda atingir a hipótese alfabética. Acreditamos que as atividades de alfabetização que foram desenvolvidas provocaram reflexões na criança sobre a construção da escrita, abrindo caminhos para o avanço das suas hipóteses, como por exemplo, escrita de palavras com apoio de desenho, produções de textos a partir de

interpretação de gravuras, cruzadinhas, escrita do nome próprio, complementos de palavras com sílabas iniciais, intermediárias e finais, entre outras.

Nessa trajetória de construção das hipóteses, cabe ao professor o desafio de conhecer e compreender o processo de evolução da escrita na criança, utilizando esse conhecimento como objetivo principal em seu trabalho pedagógico, olhando o progresso da criança sob uma perspectiva de descobertas e de construção para que possam chegar à compreensão do seu processo de alfabetização.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa abordou o processo de construção das hipóteses de escrita da criança na fase da alfabetização, e teve como base de referência os estudos da pesquisadora Emília Ferreiro e seus colaboradores, que, no decorrer da pesquisa, esclareceram como ocorre a construção da linguagem escrita pela criança.

Com esse estudo, foi possível refletir sobre algumas das dificuldades encontradas pelos alunos em seu processo de construção do conhecimento, oportunizando analisar e compreender o longo caminho que a criança percorre para chegar num nível mais avançado do seu processo da aquisição de escrita e leitura.

A reflexão aqui proposta atribui as dificuldades de algumas crianças ainda não conseguir entender o Sistema Alfabético de Escrita. Nesse processo de reflexão, entendemos que a aprendizagem da escrita deve seguir de maneira natural, o ritmo próprio de cada criança, e que é preciso respeitar as diferenças do ritmo de desenvolvimento que cada criança apresenta em relação ao seu processo de aprendizagem da escrita.

Nessa direção, é necessário que o professor considere as escritas do ponto de vista da criança, respeitando seus níveis de evolução, pois entendemos que a alfabetização é um processo que se desenvolve a partir da reflexão que a criança faz sobre a escrita.

## REFERÊNCIAS

BAPTISTA, A. C. R. G. C. et al. **O processo de aquisição da linguagem escrita: estudos de A. R. Luria e L. S. Vygotsky.** Disponível em: <http://www.scelisul.com.br/cursos/graduacao/pd/artigo4.pdf>. Acesso em: 20 de jan. de 2013.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – Secretaria de Educação Fundamental – Língua Portuguesa, 3 ed, Brasília/DF: MEC, 2001.

Cruz, Nazaré e FONTANA, Roseli. **Psicologia e construtivismo.** Ática São Paulo, 1996.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita.** Artes médicas, Porto Alegre, 1985.

\_\_\_\_\_; PALÁCIOS, M. G. **Os processos de leitura e escrita.** Artes médicas, 1987.

\_\_\_\_\_. A escrita antes das letras. In: SINCLAIR, H. (org.) **A produção de notações na criança.** São Paulo: Cortez, 1990.

\_\_\_\_\_. **Reflexões sobre alfabetização.** 23. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança.** São Paulo: Zahar, 1978.

SANTOS, C. M. C. dos; SANSON, J. M. de S. **Descobertas & relações** – Alfabetização. 2 ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2005.

VIEIRA, R. C. **O sistema de escrita ortográfico e os problemas para a aquisição de escrita** dele decorrentes. Disponível em: [http://www.pgletras.uerj.br/linguistica/textos/livro03/LTAA03\\_004.pdf](http://www.pgletras.uerj.br/linguistica/textos/livro03/LTAA03_004.pdf). Acesso em: 20 jan. 2013.

VYGOSTSKY, L. S. **Formação Social da Mente.** São Paulo: Editora Martins Fontes, 1988.

WEISZ, Telma. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem.** Com Ana Sanchez – 2 ed. São Paulo: Ática, 2002.

# APÊNDICES

---

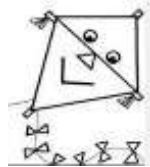
# APÊNDICE 1

## ATIVIDADE

Aluno (a): \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_

Professora: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

1. Escreva o nome de cada desenho nas linhas abaixo:



\_\_\_\_\_

2. Ligue o nome a cada desenho:



BORBOLETA



BOI

3. Forme frases com as gravuras abaixo:



\_\_\_\_\_



\_\_\_\_\_

4. Escreva três nomes de animais que você conhece:

\_\_\_\_\_

5. Faça um desenho e escreva o nome ao lado: